

Saúde depende de melhor distribuição de renda

Londres - Sem uma política efetiva de distribuição de renda, o crescimento da economia, por si só, é incapaz de trazer melhoras para a qualidade de saúde do cidadão. É o que diz um relatório publicado pela Economist Intelligence Unit, empresa de consultoria para investidores ligada à revista inglesa "The Economist".

No relatório sobre o estado da saúde em 22 países da América Latina, o Brasil, que possui o maior Produto Interno Bruto (PIB) do continente, de US\$ 800 bilhões, saiu-se em 19º lugar dentro de um ranking médio que inclui 13 indicadores de saúde pública, de doenças infecciosas ao consumo de cigarro. Além de analisar a situação da saúde no continente, o relatório, intitulado "Healthcare Latin America", avalia também as oportunidades de investimento na área médica e de farmacêuticos.

"A expectativa de vida costuma acompanhar o crescimento do PIB apenas em países com uma economia muito pequena", explica a cientista social responsável pelo estudo, Alexandra Wyke. "Depois de uma certa altura, como é o caso de muitos países da América Latina que estão na faixa de US\$ 5.000/per capita, a expectativa de vida tende a se estabilizar".

Segundo Alexandra Wyke, a péssima distribuição de renda no Brasil explica porque os cidadãos da Costa Rica - país que desfruta dos melhores índices de saúde no continente e uma renda per capita de US\$ 7.180 - vivem em média 77 anos, dez a mais do que os brasileiros. Apesar da renda per capita no Brasil ser apenas ligeiramente menor, de US\$ 680 per capita, os brasileiros vivem, em média, 67 anos.

Ao incluir tanto doenças infecto-contagiosas quanto doenças respiratórias, cardiovasculares e câncer, o estudo mostra que os chamados países emergentes estão começando a registrar um aumento da incidência de uma série de doenças típicas de países afluentes, sem contudo terem-se livrado das doenças de terceiro mundo, como Chagas e

leptospirose. A Argentina, por exemplo, que saiu-se em 18º no ranking da pesquisa da EIU, possui uma incidência de doenças de países ricos que é alta até para padrões do chamado Primeiro Mundo.

Os piores índices registrados pelo Brasil são referentes à expectativa de vida e também às taxas de mortalidades, que é de 8,5 óbitos para cada mil habitantes. Em ambos o Brasil está em 19º lugar em comparação com os demais países do continente.

A incidência da Aids também é relativamente alta no Brasil, 9,5 para cada mil habitantes (18º colocação). Contudo, o Brasil vem apresentando uma melhora em taxa de mortalidade infantil e morte durante o parto, ficando no 13º e 12º lugar no ranking dessas categorias.

Antes das crises na Ásia, Rússia e Brasil, época em que os investimentos fluíam em abundância para os mercados emergentes, as empresas do setor médico e farmacêutico levavam em consideração apenas o tamanho do mercado consumidor para escolher o destino de seus investimentos. Nessa época então, o Brasil - cujo mercado está calculado em US\$ 8 bilhões - era o principal país a atrair investimentos nessa área dentro da América Latina.

Porém, nos últimos meses os investidores têm andado mais cautelosos. Segundo o relatório, os investidores agora estão levando em consideração uma série de outras questões, além do tamanho do mercado, receptividade sistema de regulamentação, grau de abertura para o setor privado, acessibilidade da rede de distribuição de medicamentos e disponibilidade de parceiros locais são algumas delas. Isso significa que agora o Brasil enfrenta a concorrência mais acirrada com México, Argentina e Colômbia, que desfrutaram de algumas características que o Brasil não tem ou então dos mesmos atrativos, a um custo muitas vezes menor.

MARIANA BARBOSA

Correspondente do JORNAL DE BRASÍLIA